

José Gomes Ferreira

# DIAS COMUNS VI

MEMÓRIA POSSÍVEL

De 23 de Setembro de 1968 a 31 de Dezembro de 1968

Diário





23 de Setembro

O Outono começou com esta dor de dentes que me forçou, aflito, a partir para Lisboa mais cedo do que tencionava. Ontem mesmo. Dia, aliás, memorável, porque a nave espacial soviética, *Zond 5*, depois de tornar a Lua, regressou à Terra. (Autêntico feito – dizem os sábios da idade-da-pedra-das-viagens-no-espaço em que vivemos.)

No entanto, sabem o que o *Diário de Lisboa* trazia, como cabeça principal na primeira página? A expulsão do glorioso futebolista português, Eusébio, do campo do Sport Lisboa e Benfica, quando se realizava um jogo de gritos e pontapés. (Não há dúvida. Os homens preferem a doçura do efémero que pareça mesmo efémero.)

... Dormi mal e, manhãzinha cedo, corri ao dentista com uma teoria engatilhada: a de que devia inventar-se um método de impedir que nascessem os dentes às crianças. Para lhes colocarem, depois, nas bocas ainda sem palavras, dentaduras de uma matéria especial, *crescível*... (Nos primeiros meses poderiam até ser de espuma de borracha, para não magoarem os seios das mães...)

Expus este meu sonho ao Dr. Abreu e ao Urbano Tavares Rodrigues que, entretanto, tinha entrado no Consultório, condenado como eu a ficar sem um dente.

E, enquanto o Carrasco se inclinava sobre mim, de alicate em punho, o querido Urbano, de braço ao peito, ia narrando os exageros incríveis das várias Censuras reinantes, em virtude da doença do Salazar.

Assim, o José Manuel Castelo Lopes foi parar à cadeia, onde dormiu dois dias, por causa dos dizeres vulgares de um anúncio de fita («Um homem morre sozinho! Sem amor,

sem isto nem aquilo! etc.») em que os olhos ridiculamente sectários de não-sei-que-imbecil viram insultuosas referências ao Entubado.

O *Diário de Lisboa* esteve também, há dias, retido duas horas. Razão: um conteco de principiantes para o *Juvenil* intitulado *A Morte do Palhaço*.

E mais espantos deste género.

Estão raivosos de haver morte!

### *24 de Setembro*

O impacto (que palavrão indecente!) causado pela notícia da enfermidade do Salazar vai-se diluindo pouco a pouco em virtude do prolongamento em musgo sofredor da quase-vida onde o triste se encontra mergulhado.

Sentem-se já sinais nítidos de fadiga (excepto nas missas em massa para as messes celestiais!...) O português (que se *aburre mucho*, conforme o comentário atribuído ao General Franco em crítica ao nosso regime fascista) é assim: procura entretenimento grátis na Dor Pública. E, francamente, o ansioso espectáculo de uma semana-santa extra com gravatinhas pretas e vestidos de luto de visitar-sete-igrejas-de-ramo-de-alecrim-na-mão, demora-se.

– Quando é que o tipo se despacha?... – é o desejo-pergunta que se ouve, ardente, por todos os cantos. Ate-nuado, porém, nas bocas dos partidários da Ditadura pelo habitual argumento egoísta de que talvez fosse melhor que ele morresse – coitadinho! – para não sofrer mais.

E então, de repente, roça por mim um Anjo Cínico que me insinua:

– E porque não há-de sofrer mais?

Mas – porque mentir? – a piedade acaba por me vencer... E penso: na sua imensa desgraça esse homem ainda continuará a dizer de si para si, teimoso: aguentar!, aguentar!, aguentar!...?

*25 de Setembro*

Aos optimistas fáceis, que esperam que Alguém Misericordioso nos traga o Futuro numa bandeja, não me canso de dizer com voz de ser-fácil-acertar quando se aposta no que há de menos vil nos homens:

– Não se regozijem antes de tempo... O Salazar vai pesar durante anos e anos na nossa vida, como uma espécie de Lénine do avesso para medíocres...

\*

Pensamento para álbum pires:

«Não corras atrás do Êxito. Foge-lhe, para ele correr atrás de ti.»

Que lindo!

*26 de Setembro*

Funeral do pai do Manuel Mendes com a assistência dos amigos habituais que só se encontram nestas ocasiões de convívio de cemitério.

– Mais um que *ainda* morre antes de Salazar... – dizia-se abertamente. – Mais um que morreu com essa amargura.

Era um bom homem, velho republicano pertencente àquela denodada pequena-burguesia lisboeta que lutou pelo sonho da República – e que os jovens de hoje (porque havemos de nos enganar?) não admiram e, sobretudo, não compreendem.

A pequena-burguesia perdeu a virulência como classe, e nenhuma outra a substituiu.

Aqueles que estavam ali comigo no cemitério eram talvez os últimos representantes desse admirável núcleo de homens que ainda enterram os seus mortos sem padres, com a antiga simplicidade civil da 1.<sup>a</sup> República.

Entretanto o Abelaira, ao ouvir a terra cair no caixão (lá longe o Tejo...), apontou para a encosta das cruzes:

– Como nos resignamos a isto?

Respondi não sei o quê, na ânsia de encontrar uma frase, para a registar aqui neste Diário.

Mas não a encontrei.

Ou talvez a esquecesse...

A Bel, com conhecimento de ciência feita:

– O Salazar só aturava as sobrinhas da Sr.<sup>a</sup> Maria até que arranjassem namoro... Mal principiavam a namoriscar e a pintar-se, punha-as na rua. Implacável.

A Sr.<sup>a</sup> Maria foi (ao que dizem) a ama-de-padre do Salazar – que teria casado com ela em segredo.

\*

Aquele vagabundo que, certa noite, me pediu «uma camisinha», voltou à nossa rua depois de uma temporada na Mitra.

Cada vez mais porco e mais bêbado, anda por aí, com pés pesados de voo arrependido, a pedir cigarros e vinho a toda a gente.

Hoje vi-o deitado na relva do passeio a doirar o sono debaixo duma árvore... E senti inveja da preguiça daquele homem em farrapos, que ali, estendido no chão, parecia gozar a doçura dum colchão de penugem de colos de cisne...

\*

Hoje, dia histórico.

Às 9.30 da noite o Presidente da República, com voz aos tropeços nos soluços, anunciou a exoneração do Salazar e o advento do Marcello à Presidência do Conselho.

E assim o Carmona III nomeou o Salazar II.

\*

Transcrevo esta arguta observação de Eduardo Prado Coelho, na sua crítica do *Diário de Lisboa à Arte de Música* do Sena: «A obra poética de Sena adquiriu um tal amadurecimento que se torna impossível nela distinguir o bom do mau.»

Deve ser agradável ouvir isto de um crítico.

A ACEITAÇÃO da autoridade que mistura o sol com a noite, o lodo com as flores e o fumo com o acaso de *as palavras que criam os homens*. (Tenho este verso na gaveta.)

*27 de Setembro*

No Café, deixei cair este desfiar de pérolas de fumo:

– Apesar de tudo, custa-me a crer que o Marcello despreze a grande zona da opinião pública intelectual e pequeno-burguesa, que se opõe ao regime, e não tente

sequer conquistá-la com ilusões. É o único *toque* que poderia dar novidade e abertura ao seu consulado...

\*

Mas no discurso inicial pouco tempo perdeu connosco, claro. Nem admira, preocupado com a vigilância do Argus dos mil olhos dos «ultras». Falou, sobretudo, para essa gente desejosa de escutar os chavões tranquilizadores do costume, que ele utilizou como quem recapitula lugares-comuns necessários: o «génio» do Moribundo, a continuação da guerra em África, o olho posto nos perturbadores da retaguarda e a defesa da Ordem pública para gozo das «pessoas honestas», sem esquecer a inevitável condenação do comunismo, «sepultura da liberdade dos Indivíduos», etc.

E só, em certa altura, para nos passar um vago sabor a mel na boca, se referiu timidamente a «algumas liberdades que se desejaria ver restauradas» (portanto, indevidamente suprimidas, ou não?)...

Por enquanto, a subida ao trono de Marcello Caetano trouxe-nos apenas esta vantagem (e não pequena, sejamos justos): o desaparecimento de cena do sinistro Paulo Rodrigues, fascista-nazi de costumes dúbios que, à sombra do ex-primeiro Ministro meio gágá, e sob o pretexto de defender a retaguarda (talvez para consolo da própria «retaguarda»), impunha uma censura infame a todas as manifestações de espírito: teatro, cinema, literatura, jornalismo... Com a supressão desse biltre, vai poder respirar-se um pouco mais. Não muito, talvez. Mas imenso, para quem vivia com os lábios «por lei cosidos na face».



Agora mesmo, sintonizei por acaso a estação clandestina Portugal Livre (oriunda de Praga, suponho), onde uma rapariga com voz de exaltação quase histérica incitava aos gritos os portugueses a virem para a rua combater, lutar, morrer, construir barricadas...

Mas isto é connosco? – perguntei a mim mesmo, pasmado com esses heróicos revolucionários emigrados que ignoram o facto comezinho da despolitização geral do nosso povo, que não quer bater-se por coisa nenhuma.

Liberdade, sim – mas *oferecida* numa bandeja. E mesmo assim com a condição de saber a tirania disfarçada!

### *28 de Setembro*

A maioria dos opositoristas que eu conheço deseja, com ardor secreto, a continuação do regime actual – para poder contar anedotas, espalhar boatos, ler papéis clandestinos inúteis, ouvir emissões radiofónicas, divertir-se, em suma.

No fundo trata-se também de uma forma de despolitização. E bem reles. A que reduz a política a uma caricatura, para gozo próprio, passageiro.

À mínima necessidade de acção, esses seres, que não se opõem a coisa nenhuma, desvanecem-se logo com perfis de medo.

\*

O Fafe:

– Soube de fonte segura que foi o documento da Oposição a pedir eleições livres etc., assinado pelos duzentos intelectuais do Porto (entre eles o José Régio), que incitou

o Tomaz e os outros próceres do regime a saírem do imobili-  
lismo e a nomearem o Marcello.

Também estavam em coma.

\*

O Palma-Ferreira, sempre com boca de alarme:

– Os monárquicos tentaram dar um golpe no Porto...  
Mas foram dominados pela Guarda Republicana... etc.,  
etc., etc.

\*

Hoje, à uma hora da noite, o Raúl José telefonou-me  
para a casa do Fafe, para me transmitir a notícia da morte  
do Salazar, cujo prognóstico os médicos esta tarde conside-  
ravam «bastante reservado». Boato? Verdade?

O Raúl fez uma voz compungida ao telefone. É da regra.  
Parte-se sempre do princípio que o telefone está vigiado.  
– O que define um regime.

### *29 de Setembro*

De manhã cedo, através da porta entreaberta do quarto,  
surgiu a cabeça metediça da Maria, a informar-nos:

– Afinal, o velho não morreu... Ouvei agora a Emissora.  
Parece que venceu mas está em crise...

E fechou o suspiro com a frase habitual:

– É feito da pele do diabo!

\*

Ao meio-dia (estamos em Albarraque) o Sr. Humberto veio brindar-nos com um cesto de belíssimos figos.

Obrigado, «vai um copinho, Sr. Humberto?», etc. E, por fim, a Rosalia interrogou-o:

– Então, Sr. Humberto? Que dizem por aí, no povo, a respeito do Salazar? Desta vez não escapa. Está muito mal.

– Pois, pois...

– Não deve durar muito.

O Sr. Humberto encolheu os ombros, tradução em mímica universal do «estou-me nas tintas». E depois acrescentou este P. S. de quem estava tranquilo a respeito dos destinos da Pátria:

– Já há outro...

– Hã? – reagiu a Rosalia.

– Sim... Já há outro... – E despediu-se com desdém de não querer perder tempo com problemas inexistentes.

Já há outro?

Foi assim que nasceu o Direito Divino.

\*

Durante a sua oposição táctica, para se apoderar da Presidência do Conselho assim que o Salazar morresse, o Marcello foi muitas vezes obrigado a tomar atitudes que possivelmente no futuro lhe criarão alguns amargos de boca.

A extinção da Sociedade Portuguesa de Escritores, por exemplo (fundada aliás sob a sua égide), não mereceu a aprovação incondicional do actual Presidente do Conselho. Chegou até a manifestar-nos a sua solidariedade. O mais teórica possível, claro. Pois quando lhe pedimos que assinasse o nosso protesto, furtou-se com um cartão ao David Mourão-Ferreira.

Desse cartão recordo-me que constava esta frase: «Não é com vinagre que se apanham moscas.»

Não. É com gestos doces.

Preparemo-nos, pois, para gramar uma ditadura de açúcar – que acabará por nos enjoar a todos.

\*

O Palma-Ferreira:

– Já várias pessoas disseram ao David que deveria tirar uma fotocópia ao cartão do Marcello e pôr o original a bom recato...

Quando ouvi isto, não percebo como me esqueci de perguntar se o célebre cartão tinha alguma frase de adesão franca. (O que não o desonrava, claro.) Mas custa-me a crer. Nessas ocasiões, os políticos do tipo-Marcello criam nuvens... (Sem raios dentro.)

\*

O Sarmiento Rodrigues é talvez menos nevoento.

Pelo menos, certa noite, no final de uma sessão qualquer da Sociedade de Escritores, ouvi-o declarar em voz alta, para quem o quis ouvir, como resposta a uma insinuação do Ferreira de Castro, que lhe chamou salazarista:

– Não sou, nem nunca fui salazarista!

Senti ganas de lhe responder, concordante:

– Tem razão. Também não é, nem nunca foi escritor – e está aqui.

Mas sorri-lhe. Abracei-o. Pertence à mitologia da minha juventude e perdoo-lhe tudo.

Demais, que importa? «O escritor é aquele que quer sê-lo!» – definiu em certa ocasião Aquilino na minha frente.

Com subtileza.

Subtileza real que só a sua voz beiroa turvava às vezes, ao ponto de parecer grosseira aos maus observadores.

Aos que pensam que o papel pardo diminui as jóias.

\*

Completemos a paisagem com esta nota objectiva, extraída do *Diário de Lisboa* desta tarde:

«*Montargil, 29.* – Procede-se presentemente à colheita de arroz, ganhando as mulheres, por dia, 30 escudos, e os homens 40.»

30 escudos? 180 escudos por semana?

Bem bom! – dirão alguns comilões de burra-cheia deste desgraçado país!

### *30 de Setembro*

O *Diário de Lisboa* desterrou a notícia da doença do Salazar para a 10.<sup>a</sup> página! E os jornais começam a respirar melhor. Até já ousam empregar a palavra «liberalização».

Sente-se um ímpeto de alegria por toda a parte, com grande raiva desesperada de meia dúzia de fiéis com caras de luto. (Devem existir graves complicações de intrigas entre eles.) O próprio Marcello ri nas fotografias e posou sentado à secretária do gabinete do Mito, enfim desvendado à curiosidade dos jornalistas gulosos de sacrilégios... Ao mesmo tempo correm, de mão em mão, versos e mais versos a

desfeitearem o ex-Ditador que apodrece em vida, com toda a gente a desejar-lhe ardentemente a morte.

Diga-se a verdade de crueza perfeita: milhares e milhares de pessoas preparam-se para beber champanhe, quando ele morrer... Morrer completamente.

\*

Só o Tomaz chora pelos cantos e consta que pensa resignar... Considera o cargo de Presidente como uma espécie de dádiva ou oferta pessoal do Ditador. E cuspiria em si mesmo, como o último dos homens, se não se mostrasse grato...

Nunca se viu uma coisa assim.

Parece o Presidente da Sociedade Recreativa «Os Chorrincas».

Entretanto, a filha do Abelaira perguntou:

– Ó Pai: o Marcello *foi para* Salazar?

### *1 de Outubro*

Na relativa descompressão em que vivemos agora (enquanto não desabar por cima de nós a esperada reacção dos saudosos de Salazar) o monturo fede a anedotas imbecis que, em minha opinião, tanto desonram os portugueses.

Hoje ouvi esta: agora, as armas nacionais compõem-se do «*foi-se*» e o *Marcello*.

Vá, riam!

\*

Falei dos saudosos de Salazar que queriam vê-lo mandar, pelos tempos fora, mesmo na condição de cadáver (que sempre foi).

Entre eles destaca-se sem dúvida a alminha escrava de Paulo Rodrigues que declarou aos jornalistas pouco mais ou menos o seguinte: «Eu não fui mais do que a lapiseira de Sua Excelência. E com muito gosto.»

\*

Um toque sinistro, contado pelo Júlio Salgado: está aí montado um jogo de apostas intitulado o *toto-botas* com a seguinte exigência para se ganhar: acertar no dia e na hora em que o Salazar morrer.

\*

O Manuel de Azevedo que reapareceu na esplanada da Avenida, queimado da liberdade das férias:

– O Salazar tem uma vida meramente vegetativa. Certas células já morreram. Cheira a cadáver. A cadáver mesmo.

\*

O Nikias informa:

– Quando o Tomaz recebeu a equipa médica (equipa à futebol!), na véspera da nomeação do Marcelo, o primeiro a tomar a palavra foi o Almeida Lima que declarou que, mesmo no caso do Salazar sobreviver, ficaria demente. – «Demente?» – protestou, escandalizado, o Eduardo Coelho. – «Esse termo parece-me excessivo...» – «É o termo

exacto...» – contestou-lhe o Almeida Lima com frieza.  
– «O senhor é um leigo na matéria.»

(Odeiam-se – dizem.)

Tudo se esclareceu, por fim, quando Miranda Rodrigues afirmou que, na melhor das hipóteses, Salazar nunca ficaria capaz para a governação pública.

\*

E o Tomaz decidiu então nomear o Marcello, sem grande subtileza de tacto – parece. Pois conseguiu que o Leite Pinto e, sobretudo, o Franco Nogueira, se eriçassem furiosos contra ele, por não serem informados da escolha definitiva do Marcello, depois de terem sido «apalpados» para Presidentes de Conselho interinos.

O Franco Nogueira, contudo, manteve-se no Governo por «motivos patrióticos» (a laracha do costume). Mas quer sair – segundo a Vera já fez constar. Ela e o marido auguram graves catástrofes (para os ideais deles, claro).

E, porventura, com razão. Não há dúvida de que o gesto do Tomaz de demitir o Quase-Cadáver os dividiu para sempre. (Para sempre?) Nunca os «ultras» e os monárquicos lhe perdoarão a subida do Marcello ao poder nestas circunstâncias – com o Ídolo entubado, de boca à banda... O Marcello é que não perde tempo...

Sorri, sorri muito, e até deixa sair artigos como o de hoje na *Seara Nova* em que a alusão aos últimos ministros escolhidos por Salazar é manifesta.

Termina desta maneira, agreste (e talvez impolítica):  
«A bosta é sempre a mesma, as moscas é que mudam.»